

PARTICIPAÇÃO FEMININA E DESEMPENHO AMBIENTAL, SOCIAL E DE GOVERNANÇA (ESG) EM EMPRESAS SEDIADAS EM PAÍSES EMERGENTES

FEMALE PARTICIPATION AND ENVIRONMENTAL, SOCIAL AND GOVERNANCE
(ESG) PERFORMANCE IN COMPANIES BASED IN EMERGING COUNTRIES

Iasmim Kappke

Mestranda em Ciências Contábeis no Programa de Pós- Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Maria (Santa Maria/Brasil).

E-mail: iasmim.i.kappke@hotmail.com

Maríndia Brachak dos Santos

Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (Santa Maria/Brasil).

E-mail: marindia@ufsm.br

Recebido em: 16 de junho de 2025

Aprovado em: 18 de agosto de 2025

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RGD | v. 22 | n. 2 | p. 143-169 | jul./dez. 2025

DOI: <https://doi.org/10.25112/rgd.v22i2.4315>

RESUMO

A representatividade feminina em altos cargos de gestão tem sido amplamente debatida e estudada nos últimos anos, impulsionada pelo aumento das oportunidades educacionais para mulheres, o que contribui para sua maior inserção em grandes empresas. Além disso, destaca-se a crescente valorização da diversidade nas organizações, evidenciando o papel essencial da participação feminina nos altos cargos de gestão, especialmente quando associada ao desempenho ambiental, social e de governança (ESG). Diante dos desafios relacionados à equidade de gênero e à sustentabilidade corporativa, este estudo teve como objetivo analisar a participação feminina em altos cargos de gestão e a sua influência no desempenho ambiental, social e de governança (ESG) em empresas sediadas em países emergentes. A pesquisa é de natureza descritiva, com abordagem quantitativa, fundamentada em dados secundários obtidos na base Refinitiv. A análise foi conduzida por meio de regressão linear múltipla com dados em painel, abrangendo o período de 2015 a 2023, alinhado ao marco do lançamento da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas. A população do estudo compreendeu 24.090 empresas distribuídas em 24 países emergentes, sendo eles: Brasil, Chile, China, Colômbia, República Tcheca, Egito, Grécia, Hungria, Índia, Indonésia, Kuwait, Malásia, México, Peru, Filipinas, Polônia, Catar, Arábia Saudita, África do Sul, Coreia do Sul, Taiwan, Tailândia, Turquia e Emirados Árabes Unidos, resultando em uma amostra final de 4.111 companhias que apresentaram informações completas para a análise. A estatística descritiva revelou aspectos importantes sobre as variáveis analisadas. No que se refere à participação feminina, observou-se uma média de 15,85% em cargos de direção e variações importantes entre as empresas, evidenciando que muitas ainda não possuem mulheres em posições de liderança. A análise das variáveis de controle mostrou que empresas de maior porte tendem a apresentar maior participação feminina nos altos cargos de gestão e níveis mais elevados de divulgação ESG. Os resultados demonstraram que a presença feminina nos altos cargos de gestão está positivamente associada ao desempenho ESG, bem como aos seus três pilares - ambiental, social e de governança - em determinadas configurações de controle. Tais achados reforçam a importância da diversidade de gênero, em especial, a participação feminina como fator estratégico para o desenvolvimento sustentável nas economias emergentes. Como sugestões para estudos futuros, propõe-se a incorporação de variáveis adicionais relacionadas à sustentabilidade corporativa, como políticas internas de diversidade, práticas de inovação sustentável e governança climática.

Palavras-chave: Participação feminina. Desempenho ESG. Países Emergentes.

ABSTRACT

Female representation in senior management positions has been widely debated and studied in recent years, driven by increased educational opportunities for women, which contributes to their greater inclusion in large companies. Furthermore, the growing appreciation for diversity in organizations highlights the essential role of female participation in senior management positions, especially when associated with environmental, social, and governance (ESG) performance. Given the challenges related to gender equity and corporate sustainability, this study aimed to analyze female participation in senior management positions and their influence on environmental, social, and governance (ESG) performance in companies headquartered in emerging markets. The research is descriptive in nature, with a quantitative approach, based on secondary data obtained from the Refinitiv database. The analysis was conducted using multiple linear regression with panel data, covering the period from 2015 to 2023, in line with the launch of the United Nations 2030 Agenda. The study population comprised 24,090 companies distributed across 24 emerging countries: Brazil, Chile, China, Colombia, Czech Republic, Egypt, Greece, Hungary, India, Indonesia, Kuwait, Malaysia, Mexico, Peru, Philippines, Poland, Qatar, Saudi Arabia, South Africa, South Korea, Taiwan, Thailand, Turkey, and the United Arab Emirates, resulting in a final sample of 4,111 companies that submitted complete information for analysis. Descriptive statistics revealed important aspects of the variables analyzed. Regarding female participation, an average of 15.85% in management positions was observed, with significant variations between companies, highlighting that many still lack women in leadership positions. Analysis of the control variables showed that larger companies tend to have greater female participation in senior management positions and higher levels of ESG disclosure. The results demonstrated that the presence of women in senior management positions is positively associated with ESG performance, as well as with its three pillars—environmental, social, and governance—in certain control configurations. These findings reinforce the importance of gender diversity, particularly female participation, as a strategic factor for sustainable development in emerging economies. Suggestions for future studies include incorporating additional variables related to corporate sustainability, such as internal diversity policies, sustainable innovation practices, and climate governance.

Keywords: Female participation. ESG performance. Emerging countries.

1 INTRODUÇÃO

A participação feminina em cargos de liderança tem ganhado destaque nas discussões organizacionais e acadêmicas, sobretudo diante do crescente debate sobre diversidade, equidade e inclusão. No entanto, apesar de avanços sociais e educacionais, a presença das mulheres em posições estratégicas ainda é limitada, reflexo de barreiras históricas, culturais e estruturais como o chamado teto de vidro (SILVA JÚNIOR, 2017; MOOM; BARACT, 2023).

Esse cenário se reflete especialmente nos conselhos de administração, nos quais a representatividade feminina permanece baixa, apesar de sua qualificação crescente e contribuição comprovada. De acordo com o Relatório Mundial sobre a Desigualdade de Gênero (WEF, 2021), ainda serão necessários mais de 130 anos para atingir a paridade de gênero em diversas esferas sociais, com destaque negativo para a participação política e econômica.

A integração da temática de gênero com os princípios de Environmental, Social and Governance (ESG) torna-se, assim, estratégica. O ESG, ao propor padrões de gestão mais sustentáveis e éticos, tem incluído a diversidade de gênero como critério de avaliação de desempenho social e governança (GAO et al., 2021; AYDOGMUS et al., 2022). No Brasil, o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) da B3 busca mensurar esse desempenho com base em práticas sustentáveis e de responsabilidade social (SILVA; DE LUCENA, 2019).

Nesse contexto, este artigo tem por objetivo analisar a relação entre a participação feminina em altos cargos de gestão e o desempenho ESG de empresas listadas em países emergentes, à luz dos desafios estruturais e das exigências de uma governança mais inclusiva.

De acordo com Aydogmus et al. (2022), o impacto do desempenho ESG sobre o valor e a lucratividade das empresas tem sido amplamente debatido na literatura acadêmica e na pesquisa em negócios. Diante da relevância da participação feminina em cargos estratégicos e sua potencial influência sobre práticas sustentáveis e responsáveis, este estudo busca responder à seguinte questão de pesquisa: qual a influência da participação feminina em altos cargos de gestão sobre o desempenho ambiental, social e de governança (ESG) de empresas sediadas em países emergentes, no período de 2015 a 2023?

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo geral analisar a participação feminina em altos cargos de gestão e sua influência no desempenho ambiental, social e de governança (ESG) em empresas sediadas em países emergentes. Para alcançar esse propósito, busca-se, de forma específica: verificar o nível de participação feminina nas posições de liderança; mensurar o desempenho ESG dessas empresas; e investigar a relação entre a presença feminina em cargos estratégicos e os resultados obtidos nos três pilares do ESG. A pesquisa concentra-se em empresas localizadas em países emergentes,

considerando o período de 2015 a 2023, com o intuito de compreender como a diversidade de gênero na alta gestão pode contribuir para práticas corporativas mais sustentáveis e socialmente responsáveis.

2 MARCO TEÓRICO

A representatividade feminina em altos cargos de gestão tem sido tema recorrente nas discussões acadêmicas, impulsionada pelo aumento das oportunidades educacionais e pela valorização da diversidade nas organizações. Estudos apontam que a presença de mulheres nos conselhos de administração contribui positivamente para o desempenho organizacional (KAVESKI et al., 2020; YADAV; PRASHAR, 2023). No entanto, a participação feminina no mercado de trabalho ainda enfrenta desigualdades salariais, jornadas mais longas e barreiras à ascensão profissional (FELIX; SILVA, 2019; FABRÍCIO et al., 2020).

2.1 PARTICIPAÇÃO FEMININA NA GESTÃO DAS ORGANIZAÇÕES

A participação feminina em altos cargos tem se destacado como fator relevante para o fortalecimento do desempenho ESG (Ambiental, Social e Governança), sobretudo em países emergentes. A diversidade de gênero amplia perspectivas e torna o processo decisório mais inclusivo, favorecendo práticas sustentáveis e de boa governança corporativa (ARAYSSI et al., 2016; FERNANDES et al., 2021).

Nos conselhos administrativos, a presença feminina está associada à maior assiduidade, participação em comitês de auditoria, nomeação e governança, além de contribuir para o fortalecimento da governança e da transparência (ADAMS e FERREIRA, 2009; SCHMITT et al., 2021). Conforme Schmiliver et al. (2019), a atuação de mulheres em cargos estratégicos reflete reconhecimento e impacto na dinâmica decisória. Já Carvalho et al. (2024) destacam que a diversidade de gênero, aliada à governança e à responsabilidade social, influencia diretamente o desempenho organizacional e o valor a longo prazo.

A igualdade de gênero ainda é um desafio, especialmente em países como o Brasil, onde persistem desigualdades salariais e obstáculos à ascensão profissional (CAMARGO et al., 2019). Mesmo diante desses entraves, iniciativas de inclusão são vistas como estratégias competitivas, reforçando o compromisso social das empresas e fortalecendo sua imagem perante investidores (FELIX e SILVA, 2019).

A liderança feminina também está diretamente relacionada à divulgação de práticas ambientais e ao engajamento com stakeholders (ARAYSSI et al., 2016; DE AMORIM et al., 2021). A presença feminina nos conselhos, embora ainda baixa, está em expansão. Degenhart et al. (2024) apontam que, em média, 10,3% dos conselhos das empresas brasileiras analisadas são compostos por mulheres, sendo a diversidade mais influente na dimensão social do ESG.

A pauta também dialoga com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, especialmente o ODS 5 – Igualdade de Gênero (FABRÍCIO et al., 2020; MOOM e BARACT, 2023). Nesse contexto, projetos de lei no Brasil, como os PLs 112/2010 e 398/2016, buscam assegurar a representatividade de gênero em conselhos de empresas públicas (PRUDÊNCIO et al., 2021).

2.2 DESEMPENHO ESG (*ENVIRONMENTAL, SOCIAL AND GOVERNANCE*)

O sistema ESG (Environmental, Social and Governance) representa um compromisso estratégico das empresas com práticas sustentáveis, equilibrando interesses econômicos, sociais e ambientais (Zhao et al., 2018). Diferencia-se do conceito mais amplo de sustentabilidade, que visa conciliar desenvolvimento econômico e responsabilidade ambiental (Codo, 2024; ABNT, 2022).

O ESG tem ganhado relevância por incorporar indicadores que permitem avaliar e divulgar o desempenho organizacional de forma transparente (Costa et al., 2022). Nesse sentido, o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), criado pela B3, atua como referência prática na mensuração do desempenho ESG no Brasil, promovendo responsabilidade ética e social nas empresas (De Castro et al., 2020; Silva & De Lucena, 2019).

Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, especialmente o ODS 5 (Igualdade de Gênero), estão fortemente alinhados às práticas ESG. Penna et al. (2022) observam que empresas brasileiras vêm priorizando metas como saúde (ODS 3), educação (ODS 4) e igualdade de gênero (ODS 5), integrando essas dimensões à gestão corporativa.

Segundo Lee et al. (2020), os elementos ESG envolvem: (i) ações ambientais como redução de emissões e gestão de resíduos; (ii) aspectos sociais, como bem-estar dos colaboradores e comunidades; e (iii) governança, que diz respeito à transparência, ética e responsabilidade dos gestores. A adoção desses critérios melhora a reputação das empresas e pode atrair investidores, como demonstrado por Mazzioni et al. (2023).

A governança corporativa, por sua vez, é um dos pilares do ESG e envolve estruturas como o conselho de administração, cuja atuação estratégica influencia diretamente o desempenho sustentável (IBGC, 2009; Schmiliver et al., 2019). A diversidade e qualificação nesses órgãos são fatores que contribuem para decisões mais alinhadas aos interesses dos stakeholders (Ferreira et al., 2023; De Andrade et al., 2024).

Com o avanço das exigências do mercado por responsabilidade corporativa, práticas ESG têm se tornado critério decisivo para investidores — especialmente aqueles orientados pelo Socially Responsible Investment (SRI), que consideram além da rentabilidade, os impactos sociais e ambientais (Fernandes & Linhares, 2017; Aguirre et al., 2023). A ABNT PR 2030 (2022) reforça esse cenário ao oferecer diretrizes claras para implementação e monitoramento das práticas ESG nas organizações.

Empresas que integram ESG à sua estratégia demonstram maior resiliência, performance e reputação no mercado (Cléber da Silva et al., 2024; Ávila et al., 2023). A sustentabilidade empresarial, portanto, tem sido cada vez mais entendida como um diferencial competitivo essencial no cenário corporativo contemporâneo.

2.3 PAÍSES EMERGENTES

Os Países emergentes são nações com indicadores de desenvolvimento medianos, mas com crescimento econômico acelerado nos últimos anos. Destacam-se, nesse contexto, os blocos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) e MIST (México, Indonésia, Coreia do Sul e Turquia), compostos por algumas das principais economias em desenvolvimento (Guitarrara, 2024). Embora os BRICS não constituam um bloco econômico formal, representam mais de 42% da população mundial e 23% do PIB global (Planalto, 2023).

Com características sociais e econômicas diversas, os países do BRICS estão distribuídos entre três continentes – América, Ásia e África – e servem como referência para análises comparativas sobre ESG em economias emergentes (Mazzioni et al., 2024). Apesar do avanço da pauta sustentável, estudos indicam que o desenvolvimento sustentável nos emergentes, incluindo o Brasil, ainda ocorre de forma lenta e com foco predominante na lucratividade empresarial, em detrimento de questões ambientais e sociais (Bizawu & De Aguiar, 2016).

Garcia et al. (2017) destacam que, embora as iniciativas socioambientais estimulem o engajamento organizacional, a implementação de políticas sustentáveis é mais heterogênea nos países emergentes em comparação aos desenvolvidos. Fernandes e Linhares (2017) reforçam que investimentos em empresas com práticas ESG tendem a gerar melhor desempenho financeiro no longo prazo, especialmente fora dos Estados Unidos.

Recentemente, as práticas ESG têm ganhado maior destaque nos países do BRICS, com investidores cada vez mais atentos a empresas comprometidas com aspectos ambientais, sociais e de governança. Esse movimento tem fortalecido a reputação das empresas e atraído talentos, embora persistam desafios significativos quanto à implementação efetiva do ESG (Fernandes et al., 2024).

Lima e Jucá (2024) analisaram a relação entre práticas sustentáveis e o desempenho empresarial em nove países, incluindo cinco emergentes. Os resultados revelaram que, nos emergentes, a dimensão social do ESG possui maior impacto positivo sobre indicadores como ROA e TQ. Esses achados reforçam as Teorias da Agência, da Legitimidade e da Assimetria da Informação, indicando que práticas sustentáveis agregam valor em contextos com menor governança institucional, contribuindo para a mitigação de riscos e a atração de investimentos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Esta pesquisa de acordo com Beuren (2012) pode ser classificada como pesquisa descritiva, pois tem como objetivo descrever características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre as variáveis, sendo que uma das suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

A pesquisa adota uma abordagem quantitativa, caracterizada pelo uso de instrumentos estatísticos tanto na coleta quanto no tratamento dos dados. Como afirma Beuren (2012, p. 92), a abordagem quantitativa “caracteriza-se pelo emprego de instrumentos estatísticos, tanto na coleta quanto no tratamento dos dados”. Esse procedimento, embora eficaz, não se aprofunda na compreensão detalhada da realidade dos fenômenos, pois busca compreender o comportamento geral dos acontecimentos.

3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Segundo Gil (2012), população é um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características, enquanto a amostra é um subconjunto da população por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características dessa população. Para os autores Lakatos e Marconi (2003) a amostra é uma parcela convenientemente selecionada do universo (população) e caracteriza-se como um subconjunto desse universo.

A população deste estudo consiste em todas as empresas dos países emergentes com dados disponíveis na base de dados Refinitiv no período de 2015 até 2023. A base de dados da Refinitiv é uma plataforma abrangente de informações financeiras e de mercado que oferece acesso a dados e análises detalhadas sobre diversos aspectos do desempenho corporativo, incluindo indicadores de Desempenho ESG. A escolha desse período deve-se ao lançamento da Agenda 2030 pela ONU em setembro de 2015, que estabeleceu os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) como um marco global para a sustentabilidade. Dessa forma, analisar esse intervalo de tempo possibilita avaliar como as empresas têm incorporado os princípios de ESG em resposta às diretrizes estabelecidas na Agenda 2030. Para tanto, a população foi composta por 24.090 empresas localizadas em 24 países considerados emergentes, a partir da classificação constantes no relatório MSCI (Morgan Stanley Capital Internacional, 2023). O relatório MSCI é uma publicação que fornece análises e classificações de desempenho sobre ações e índices globais, com ênfase em critérios de sustentabilidade, governança e responsabilidade social, conhecidos como ESG. Na Tabela 1 apresenta-se a sumarização da composição da população e amostra da pesquisa:

Tabela 1 – População e amostra.

País	Empresas / População	%	Empresas / Amostra	%
África do Sul	324	1,34	115	2,8
Arábia Saudita	367	1,52	79	1,92
Brasil	779	3,23	133	3,24
Catar	54	0,22	50	1,22
Chile	191	0,79	45	1,09
China	6.461	26,82	1.384	33,67
Colômbia	69	0,29	23	0,56
Coreia do Sul	3.055	12,68	182	4,43
Egito	279	1,16	34	0,83
Emirados Árabes Unidos	161	0,67	94	2,29
Filipinas	286	1,19	38	0,92
Grécia	178	0,74	31	0,75
Hungria	110	0,46	8	0,19
Índia	4.638	19,25	713	17,34
Indonésia	968	4,02	94	2,29
Kuwait	139	0,58	23	0,56
Malásia	1.152	4,78	370	9
México	175	0,73	97	2,36
Peru	168	0,7	35	0,85
Polônia	745	3,09	39	0,95
República Tcheca	28	0,12	4	0,1
Tailândia	939	3,9	199	4,84
Taiwan	2.241	9,3	198	4,82
Turquia	583	2,42	123	2,99
Total	24.090	100%	4.111	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A amostra da pesquisa ficou composta por 4.111 empresas, sendo que o período analisado compreendeu os anos de 2015 até 2023, o que gerou 20.611 observações.

3 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES

A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa documental, utilizando informações secundárias disponíveis na base de dados Refinitiv, no período de 2015 a 2023. Esse intervalo foi escolhido devido ao marco da Agenda 2030 e à crescente relevância das práticas ESG no cenário global. Inicialmente, foram selecionadas informações de 24 países emergentes, com foco em variáveis relacionadas à participação feminina em cargos de gestão e ao desempenho ESG, conforme detalhado na Tabela 2.

As variáveis dependentes, independentes e de controle foram extraídas da Refinitiv e organizadas em planilha Excel, com nomenclatura padronizada para facilitar o tratamento estatístico posterior. Dados complementares, como o Produto Interno Bruto (PIB) dos países, foram incorporados com base em relatórios do MSCI. Em seguida, os dados foram tratados no software Stata, possibilitando a aplicação dos testes estatísticos necessários. Segundo Lee et al. (2023), o uso da base Refinitiv tem sido essencial para o avanço das análises ESG, por fornecer informações abrangentes e sistematizadas sobre sustentabilidade corporativa.

Tabela 2 - Constructo da Pesquisa

Variável	Descrição	Mensuração	Coleta	Fonte
Variáveis Dependentes				
ESG	Desempenho Ambiental, Social e Governança	Score de 0 a 100 de práticas ESG	Refinitiv Eikon	Cléber da Silva et al. (2024); Degenhart et al. (2024).
E	Desempenho Ambiental	Score de 0 a 100 de práticas ambientais		Cléber da Silva et al. (2024); Degenhart et al. (2024).
S	Desempenho Social	Score de 0 a 100 de práticas sociais		Cléber da Silva et al. (2024); Degenhart et al. (2024).
G	Desempenho de Governança	Score de 0 a 100 de práticas de governança		Cléber da Silva et al. (2024); Degenhart et al. (2024).

Variáveis Independentes				
PFCA	Participação Feminina no Conselho de Administração	Percentual de participação feminina no CA	Refinitiv Eikon	Arayssi et al. (2016); Schmiliver et al. (2019); Wasiuzzmann e Wan Mohammad (2020).
PFDIR	Participação Feminina na Diretoria Executiva	Percentual de participação feminina na DIR	Refinitiv Eikon	Arayssi et al. (2016); Schmiliver et al. (2019).
Variáveis de Controle				
TAM	Tamanho da empresa	Logaritmo do ativo total		Al Amosh et al. (2022); Chen et al. (2021).
AL	Alavancagem	$\frac{\text{Passivo Total}}{\text{Ativo Total}}$		Ibhagui e Olokoyo (2018); Chen et al. (2021).
ROE	Retorno sobre o Patrimônio	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}}$		Wasiuzzmann e Wan Mohammad (2020).
ROA	Retorno sobre o Ativo	$\frac{\text{EBIT}}{\text{Ativo Total}}$	Refinitiv Eikon	Al Amosh et al. (2022).
IND	Independência do Conselho de Administração	Percentual de conselheiros independentes no conselho de administração		Wasiuzzmann e Wan Mohammad (2020).
PIB	Produto Interno Bruto	Percentual do Crescimento Econômico	Banco Mundial	Crespi e Migliavacca (2020).

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados desta pesquisa foram obtidos na base Refinitiv Eikon e organizados conforme os objetivos específicos do estudo. Para verificar o nível de participação feminina em altos cargos de gestão (objetivo a), foram extraídas informações sobre a composição dos conselhos de administração. Para mensurar o desempenho ESG das empresas (objetivo b), foram coletadas variáveis relacionadas aos pilares ambiental, social e de governança, conforme reportado pela base.

Para investigar a influência da participação feminina no desempenho ESG (objetivo c), foram incluídas variáveis de controle, como tamanho da empresa, lucratividade, endividamento e setor de atuação. Essas variáveis auxiliam na redução de vieses e permitem uma análise mais precisa da relação entre as variáveis principais.

Os dados coletados foram inicialmente organizados em planilhas no Microsoft Excel e, posteriormente, tratados e analisados com o auxílio do software Stata 14. Durante o pré-processamento, foram realizadas etapas importantes para garantir a robustez das análises, como o cálculo de variáveis derivadas, assegurando a correta operacionalização das informações, e a winsorização das variáveis, em razão da presença de outliers que poderiam comprometer os resultados. Também foi aplicado o teste de normalidade de Jarque-Bera, o qual indicou que os resíduos apresentaram distribuição não normal ($Z = 9,550$; $p < 0,000$). Apesar disso, esse pressuposto foi flexibilizado com base no Teorema Central do Limite, dado o elevado número de observações.

A análise dos dados foi conduzida por meio de regressão linear múltipla (OLS – Ordinary Least Squares), utilizando erros padrão robustos para corrigir heterocedasticidade, confirmada pelo teste de White ($P = 644,17$; $p < 0,000$). Foram incorporados efeitos fixos de setor, ano e país, a fim de controlar características não observáveis que poderiam influenciar os resultados. A Equação 1, apresentada a seguir, foi elaborada com base nesses parâmetros e está acompanhada de uma descrição detalhada de seus componentes.

Equação 1

$$ESG_{i.t.} = B_0 + B_1PF_{i.t.} + B_3VC_{i.t.} + Efeito_fixo_setor + Efeito_fixo_ano + Efeito_fixo_país + \varepsilon_{i.t.}$$

$ESG_{i.t.}$ = Desempenho ambiental, social e de governança (variável dependente);

B_0 = Intercepto da equação, valor esperado;

$B_1PF_{i.t.}$ = Participação Feminina no conselho de administração e participação feminina na diretoria executiva (variáveis independentes);

$B_3VC_{i.t.}$ = Variáveis de controle (tamanho, alavancagem, retorno sobre patrimônio, retorno sobre o ativo, independência no conselho de administração e produto interno bruto);

$Efeito_fixo_setor$ = Captura diferenças estruturais entre setores da economia;

$Efeito_fixo_ano$ = Considera fatores temporais, como mudanças regulatórias, crises econômicas ou tendências ESG ao longo do tempo;

$Efeito_fixo_país$ = Controle para variações institucionais e culturais entre os países analisados;

$\varepsilon_{i.t.}$ = Termo de erro.

A variável ESG foi calculada em conjunto e de forma segregada, a partir dos pilares social, ambiental e de governança tendo em vista o alcance dos objetivos deste estudo. Esse modelo utiliza-se de efeitos fixos (setor, ano e país) para evitar viés decorrente de fatores não observáveis que poderiam influenciar

os resultados. Isso significa que o modelo controla por características intrínsecas a cada setor, ano e país, permitindo uma análise mais robusta do efeito da Participação Feminina no Desempenho ESG.

Destaca-se que todos os pressupostos da regressão foram testados. Realizou-se o teste de heterocedasticidade, White, que apresentou resultado significativo. Para a autocorrelação dos resíduos foi realizado o teste Breusch-Godfrey, e para a multicolineariedade foi realizado o teste VIF (Variance Inflation Factor), sendo que os resultados foram dentro do esperado e são apresentados na próxima sessão.

Há apresentação da Tabela 3 com as estatísticas descritivas (mínimo, máximo, média e desvio padrão) das variáveis da pesquisa:

Tabela 3 - Estatísticas Descritivas

Variáveis	Média	DP	Mínimo	P. 25	Mediana	P. 75	Máximo
ESG	45,31	19,84	0,63	30,09	45,23	60,31	94,05
E_	41,55	26,01	0,00	20,26	40,78	62,68	99,29
S_	44,95	24,76	0,19	24,78	44,45	64,65	98,41
G_	49,43	22,06	0,06	31,80	49,89	67,42	98,70
PFCA	14,70	12,79	0,00	0,00	12,50	22,22	100
PFDIR	15,28	15,85	0,00	0,00	12,50	25,00	100
TAM	22,01	1,81	17,86	20,81	21,91	23,13	26,68
AL	0,56	0,23	0,08	0,38	0,56	0,74	1,02
ROE	0,10	0,18	-0,79	0,05	0,10	0,17	0,79
ROA	0,04	0,70	-0,22	0,01	0,03	0,07	0,28
IND	43,67	16,39	0,00	33,33	42,86	54,55	100
PIB	4,25	3,54	-10,93	2,46	4,84	6,84	13,35

Nota: ESG: Environmental, Social and Corporate Governance E_: Desempenho Ambiental; S_: Desempenho Social; G_: Desempenho de Governança; PFCA: Participação Feminina no Conselho de Administração; PFDIR: Participação Feminina da Diretoria Executiva; TAM: Tamanho; AL: Alavancagem; ROE: Retorno sobre o patrimônio; ROA: Retorno sobre o Ativo; IND: Independência do conselho de administração; PIB: Crescimento Econômico.

Observações: 20.611

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Com base na Tabela 4 é possível observar 7 elementos, a média, o desvio padrão, mínimo, percentual 25%, mediana, percentual 75% e máximo para as variáveis em nível de país e empresa. Os dados compreendem 20.611 observações das empresas que estão sediadas em países emergentes.

Ao observar as variáveis dependentes ESG, E_ (ambiental), S_ (social) e G_ (governança), nota-se que, na maioria dos casos, as empresas que divulgam seu desempenho ESG também disponibilizam dados segregados para cada uma das três esferas. No entanto, um ponto que chama atenção é o valor mínimo da variável E_, registrado em 0%, indicando que algumas empresas ainda não divulgam informações ambientais, mesmo fornecendo dados relacionados às dimensões social e de governança. Além disso, ao analisar a variável G_ (governança), verifica-se que a média de divulgação das informações nessa categoria é de 49,43%, o que sugere que, embora haja um esforço significativo na transparência sobre governança corporativa, ainda há margem para avanços na divulgação dessas práticas.

Ao analisar as variáveis independentes, a participação feminina no conselho de administração (PFCA) e em cargos de direção (PFDIR), observa-se que as médias são semelhantes em algumas empresas da amostra, enquanto outras não apresentam qualquer nível de participação feminina nesses cargos. Esse resultado evidencia que ainda existem organizações sem representação feminina em altos postos de gestão, o que pode estar associado a diversos fatores, como aspectos culturais, estruturas organizacionais tradicionais e barreiras institucionais à equidade de gênero.

Com relação às variáveis de controle, à variável TAM, que representa o tamanho das empresas da amostra selecionada, os resultados indicam que organizações de maior porte apresentam níveis mais elevados de participação feminina no conselho de administração (PFCA) e em cargos de direção (PFDIR). Estudos anteriores, como o de Al Amosh et al. (2022), também identificaram uma relação positiva entre o porte da empresa e fatores como rentabilidade, lucratividade e divulgação de práticas ESG. Esses achados reforçam a consistência dos resultados desta pesquisa, sugerindo que empresas de maior dimensão tendem a adotar práticas mais alinhadas à diversidade e à transparência corporativa. Segundo Chen et al. (2021), empresas de maior porte possuem uma capacidade mais robusta de exercer a governança corporativa em comparação às menores, o que pode ter influenciado os resultados desta pesquisa.

A média da alavancagem financeira (AL) indica que, para cada unidade de ativo, 0,56 corresponde a capital de terceiros, evidenciando a relevância do endividamento no perfil financeiro das empresas analisadas. Chen et al. (2021) identificaram uma relação positiva entre alavancagem financeira e o engajamento corporativo em práticas de responsabilidade ambiental, sugerindo que empresas com maior nível de endividamento tendem a investir mais nessas iniciativas.

Além disso, o estudo de Ibhagui e Olokoyo (2018) demonstra que a alavancagem pode impactar positivamente o desempenho de mercado, especialmente em empresas de grande porte. No entanto, para organizações menores, o endividamento pode ter efeitos adversos, indicando que a influência da alavancagem está condicionada ao tamanho da empresa. Esse padrão também foi observado na amostra

desta pesquisa, reforçando a necessidade de considerar o porte organizacional ao avaliar a relação entre estrutura de capital e desempenho corporativo.

Em relação ao indicador financeiro ROE, nota-se que as empresas analisadas tiveram em média um retorno de 10% sobre o patrimônio e no indicador ROA uma média de 4%, considerando que algumas empresas não possuem esse indicador. Para tanto, cabe destacar que o desempenho do ROA pode representar um fator econômico determinante para que as empresas direcionem recursos às suas responsabilidades ambientais.

Diante da análise da Independência do Conselho de Administração (ID), observa-se que essa métrica apresenta uma média de 43,67%, com um desvio padrão de 16,39%, indicando uma variação moderada entre as empresas analisadas. Esse percentual sugere que, em média, cerca de 43,67% dos membros dos conselhos das empresas da amostra são independentes, o que pode influenciar a governança corporativa e a tomada de decisões estratégicas. Além disso, ao comparar a PFCA com a PFDIR, nota-se que esta possui uma média de 15,85%, o que evidencia que a presença de mulheres em cargos diretivos ainda é consideravelmente menor do que a proporção de conselheiros independentes. Essa diferença pode indicar que, apesar dos avanços na governança corporativa, a equidade de gênero na alta gestão ainda enfrenta desafios significativos.

Ao observar a variável PIB, há uma média positiva de 425%, porém ao refletir o mínimo encontra-se um resultado de -1.093, com isso é notável a distância entre os crescimentos PIB destes países emergentes onde as empresas da amostra estão localizadas. Neste contexto, os achados corroboram com Crespi e Migliavacca (2020) que afirmam que o desempenho em práticas ESG pode ser influenciado por fatores como o tamanho da empresa, a estrutura jurídica do país, o patrimônio corporativo e o PIB, especialmente em países emergentes.

A partir da Tabela 4 é possível observar a média, desvio padrão, mínimo e máximo para as variáveis inscritas em nível de país e empresa. Os dados compreendem 20.611 observações das empresas que estão sediadas em países emergentes.

Tabela 4 - Matriz de Correlação Spearman

Variáveis	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)	(11)	(12)
(1) ESG	1.00											
(2) E	0.88*	1.00										
(3) S	0.87*	0.75	1.00									
(4) G	0.65*	0.34*	0.34*	1.00								
(5) PFCA	0.14*	0.06*	0.11*	0.19*	1.00							
(6) PFDIR	0.10*	0.03*	0.09*	0.14*	0.38*	1.00						
(7) TAM	0.35*	0.42*	0.26*	0.16*	-0.19*	-0.14*	1.00					
(8) AL	0.21*	0.25*	0.16*	0.08*	-0.07*	-0.03*	0.53*	1.00				
(9) ROE	0.08*	0.07*	0.09*	0.03*	0.04*	0.00	-0.01	-0.01	1.00			
(10) ROA	-0.03*	-0.06*	-0.00	-0.00	0.07*	0.01*	-0.29*	-0.51*	0.76*	1.00		
(11) IND	0.15*	0.04*	0.13*	0.24*	0.14*	0.00	-0.09*	-0.03*	-0.00	0.02*	1.00	
(12) PIB	-0.10*	-0.09*	-0.12*	-0.00*	0.10*	-0.01*	-0.07*	-0.05*	0.09*	0.10*	0.06*	1.00

Legenda: Nível de Significância: *p<0,050.

Nota: ESG: Environmental, Social and Corporate Governance E_ : Desempenho Ambiental; S_ : Desempenho Social; G_ : Desempenho de Governança; PFCA: Participação Feminina no Conselho de Administração; PFDIR: Participação Feminina da Diretoria Executiva; TAM: Tamanho; AL: Alavancagem; ROE: Retorno sobre o patrimônio; ROA: Retorno sobre o Ativo; IND: Independência do conselho de administração; PIB: Crescimento Econômico.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

De forma preliminar, as evidências obtidas por meio da matriz de correlação indicam uma associação positiva e estatisticamente significativa ao nível de 5% entre as variáveis independentes, Participação Feminina no Conselho de Administração (PFCA) e Participação Feminina na Diretoria (PFDIR), e as variáveis dependentes que mensuram o desempenho ESG das empresas analisadas. Esses achados sugerem que a presença de mulheres em posições de liderança pode estar associada a práticas corporativas mais alinhadas aos critérios ambientais, sociais e de governança.

Nesse sentido, Prudêncio et al. (2021) destacam que um conselho de administração com maior participação feminina tende a fortalecer o relacionamento da empresa com seus *stakeholders*, promovendo maior transparência, engajamento social e responsabilidade corporativa. Esses aspectos podem influenciar positivamente as métricas de sustentabilidade e governança, refletindo-se em um melhor desempenho ESG.

Apresentam-se a seguir os resultados dos testes de Hipóteses realizados ao longo desta pesquisa (Tabela 5):

Tabela 5 – Resultados dos Testes de Hipóteses

Variáveis	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4
	ESG	E	S	G
Constante	-85.82*** (-45.94)	-144.0*** (-60.64)	-144.0*** (-60.64)	-144.0*** (-60.64)
PFCA	0.213*** (20.14)	0.175*** (12.99)	0.175*** (12.99)	0.175*** (12.99)
PFDIR	0.114*** (13.69)	0.0849*** (7.84)	0.0849*** (7.84)	0.0849*** (7.84)
TAM	4.869*** (61.59)	7.118*** (70.08)	7.118*** (70.08)	7.118*** (70.08)
AL	7.031*** (9.51)	9.199*** (9.29)	9.199*** (9.29)	9.199*** (9.29)
ROE	1.849** (1.99)	0.844 (0.68)	0.844 (0.68)	0.844 (0.68)
ROA	25.19*** (9.77)	33.03*** (9.63)	33.03*** (9.63)	33.03*** (9.63)

IND	0.238*** (32.10)	0.126*** (13.28)	0.126*** (13.28)	0.126*** (13.28)
PIB	-0.920*** (-20.75)	-1.162*** (-20.24)	-1.162*** (-20.24)	-1.162*** (-20.24)
E.F. Ano	Sim	Sim	Sim	Sim
E.F. Setor	Sim	Sim	Sim	Sim
R ² ajustado	26,35	27,95	17,37	15,73
VIF	1,03-2,52	1,03-2,52	1,03-2,52	1,03-2,52
BG	0,000***	0,000***	0,000***	0,000***
Obs.	20.609	20.609	20.609	20.609

t statistics in parentheses Estatística t entre parenteses

*** p < 0.05, ** p < 0.01, *** p < 0.001**

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Os testes de hipóteses realizados neste estudo indicam evidências robustas sobre a relação entre a Participação Feminina em altos cargos de gestão e o Desempenho ESG de empresas em países emergentes. Os resultados confirmam todas as hipóteses propostas, que a presença de mulheres na alta administração tem uma influência positiva e estatisticamente significativa no desempenho ESG de forma geral, bem como em suas dimensões específicas: ambiental, social e de governança.

Especificamente, os resultados sustentam a hipótese H1, demonstrando que a participação feminina na gestão empresarial contribui para a melhoria do desempenho ESG. Além disso, as análises individuais das dimensões ESG (H1a, H1b e H1c) reforçam essa relação positiva, evidenciando que a maior representatividade feminina impacta favoravelmente as práticas ambientais, sociais e de governança das empresas comprovadas.

Esses achados corroboram a literatura existente sobre o papel da participação feminina na tomada de decisões estratégicas e sustentáveis. Por exemplo, os estudos de Schmiliver et al. (2019) e Kaveski et al. (2020) apontam que a presença de mulheres nos conselhos de administração está positivamente associada ao desempenho financeiro e organizacional das empresas, reforçando a importância do capital

humano diversificado. Além disso, Aladwey et al. (2023) identificaram uma relação entre a presença feminina na liderança e a melhoria do desempenho de sustentabilidade, sugerindo que a diversidade de gênero pode contribuir significativamente para a efetividade das estratégias ESG, mesmo considerando os desafios culturais em determinados contextos.

Do ponto de vista institucional, Adams e Ferreira (2009) destacam que a inclusão feminina em conselhos de administração pode ampliar a eficácia da governança corporativa, ao aproveitar grupos de talentos mais amplos. Ainda, os achados de Lee et al. (2023) e Mazzioni et al. (2023) indicam que empresas com práticas ESG bem estruturadas tendem a apresentar melhor desempenho organizacional e financeiro, evidenciando o papel da gestão sustentável – a qual, conforme demonstrado, pode ser fortalecida pela participação feminina.

Portanto, os resultados aqui apresentados sugerem que a diversidade de gênero na alta administração, especialmente em países emergentes, não apenas promove maior equidade nas estruturas corporativas, mas também contribui de forma significativa para o fortalecimento das práticas sustentáveis, alinhando os interesses dos stakeholders e promovendo uma governança mais eficaz (Silva e De Lucena, 2019; De Andrade et al., 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa analisou a Participação Feminina em altos cargos da gestão e o Desempenho ESG em empresas sediadas nos países emergentes. Foi conduzida uma pesquisa descritiva, documental e quantitativa para análise dos dados. A população do estudo foi composta por 24.090 empresas localizadas em 24 países emergentes, resultando em uma amostra de 4.111 empresas, visto que as mesmas possuem características necessárias para analisar os objetivos propostos. O período de análise correspondeu aos anos de 2015 a 2023.

Após a coleta e análise dos dados, é possível afirmar que a pesquisa obteve relação positiva referente às hipóteses, nas quais a participação feminina influencia de forma positiva o desempenho ESG, e de forma segregada nos pilares ambiental, social e de governança. Esses achados corroboram os estudos de Schmiliver et al. (2019) e Aladwey et al. (2023), que demonstraram que a presença de mulheres em cargos estratégicos contribui para o aumento do valor das empresas e para a melhoria do desempenho sustentável, respectivamente.

Em relação ao primeiro objetivo específico do estudo, que busca analisar o nível de participação feminina em altos cargos de gestão em empresas sediadas em países emergentes, os resultados indicam que a presença de mulheres tanto no conselho de administração quanto em posições de liderança

executiva apresenta uma alta significância dentro das organizações. Esse achado reforça a relevância da diversidade de gênero na estrutura organizacional e sugere que a inclusão feminina nesses espaços pode desempenhar um papel estratégico na governança corporativa, como discutido por Adams e Ferreira (2009), que ressaltam que a eficácia dos conselhos pode ser aprimorada quando se explora um grupo mais amplo de talentos, como o feminino.

Em relação ao segundo objetivo específico, que busca mensurar o desempenho ambiental, social e de governança (ESG) em empresas situadas em países emergentes, os resultados indicam que ainda há organizações que não adotam práticas ESG, conforme identificado na coleta de dados da amostra. Observa-se, ainda, que empresas de menor porte, em geral, não implementam tais práticas, o que inviabiliza a mensuração de seu desempenho nessa dimensão. Por outro lado, entre as empresas de maior porte, verificou-se uma adoção mais significativa de práticas ESG. Nesse sentido, Al Amosh et al. (2022) destacam que a divulgação ESG representa a integração de iniciativas ambientais, sociais e de governança nas estratégias corporativas, com o propósito de reduzir a assimetria informacional, minimizar os custos de agência e atender às demandas das partes interessadas. Essa relação também é evidenciada por Lee et al. (2023), que apontam que empresas com práticas ESG bem definidas tendem a apresentar melhor desempenho geral e menor alavancagem, sugerindo maior solidez estrutural.

Quanto ao terceiro objetivo, que visa investigar a influência da participação feminina em altos cargos de gestão no desempenho ESG em empresas situadas em países emergentes, os resultados revelaram um impacto positivo e significativo no desempenho ESG das empresas da amostra. Isso vai ao encontro dos resultados encontrados por Wasiuzzmann e Wan Mohammad (2020) e Degenhart et al. (2024), bem como com os estudos de Kaveski et al. (2020), que, embora tenham identificado limitações quando mulheres ocupam a presidência do conselho, ainda apontam efeitos positivos gerais da diversidade de gênero sobre o desempenho organizacional. Além disso, os achados estão alinhados à Teoria dos Stakeholders, conforme discutido por Silva e De Lucena (2019), segundo os quais empresas socialmente responsáveis constroem valor de longo prazo, fortalecendo a imagem institucional, a relação com as partes interessadas e a sustentabilidade financeira.

REFERÊNCIAS

ADAMS, R. B.; FERREIRA, D. **Women in the boardroom and their impact on governance and performance.** Journal of Financial Economics, v. 94, p. 291-309, 2009.

AGUIRRE-UFRGS, Maria Juliana Romero; DA SILVA-UFRGS, Letícia Medeiros. **Influência do Índice De Sustentabilidade (ISE) no Preço das Ações das Empresas Varejistas.** 2023.

ALADWEY, L. M. A.; ALSUDAYS, R. A. **Does the cultural dimension influence the relationship between firm value and board gender diversity in Saudi Arabia, mediated by ESG scoring?** Journal of Risk and Financial Management, v. 16, p. 512, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/jrfm16120512>.

AL AMOSH, H.; KHATIB, S. F. A. **Ownership structure and environmental, social and governance performance disclosure: the moderating role of the board Independence.** Journal of Business and Socio-Economic Development, v. 2, n. 1, p. 49-66, 2022.

AL AMOSH, H.; KHATIB, S. F. A. **Theories of corporate disclosure: a literature review.** Corporate Governance and Sustainability Review, v. 6, n. 1, p. 46-59, 2022.

AL AMOSH, H.; KHATIB, S. F.; ALKURDI, A.; BAZHAIR, A. H. **Capital structure decisions and environmental, social and governance performance: Insights from Jordan.** Journal of Financial Reporting and Accounting, Ahead-of-print, 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Prática Recomendada: ABNT PR 2030: Ambiental, social e governança (ESG) – Conceitos, diretrizes e modelo de avaliação e direcionamento para organizações.**

ARAYSSI, M.; DAH, M. A.; JIZI, M. I. (2016). **Women on boards, sustainability reporting and firm performance.** Sustainability Accounting, Management and Policy Journal, 7(3), 376-401. 2016.

AVILA, Lucas Veiga et al. **Sustainable recovery in small businesses: Analysis of sustainable practices and the goals for sustainable development.** Environmental Quality Management, 2023.

AYDOGMUS, Mahmut, Güzhan Gülay, Korkmaz Ergun, **Impact of ESG performance on firm value and profitability,** Borsa Istanbul Review, Volume 22, Supplement 2, Pages S119-S127, ISSN 2214-8450. 2022. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bir.2022.11.006>.

BIZAWU, Kiwonghi; DE AGUIAR, Patrícia Leal Miranda. **Energias renováveis e desenvolvimento sustentável: desafios e perspectivas para os países emergentes.** Conpedi Law Review, v. 2, n. 4, p. 394-411, 2016.

CAMARGO, Francielle Piffero et al. **Relações de poder entre gêneros no ambiente organizacional: uma análise da representação feminina nas empresas de Tecnologia da Informação (TI) de Porto Alegre-RS.** Ciência da Informação em Revista, v. 6, n. 2, p. 51-69, 2019.

CARVALHO, José Ribamar Marques, et al. **Environmental, social and Governance (ESG) e desempenho financeiro no setor de construção civil: um panorama da produção científica internacional.** Cuadernos de educación Y Desarrollo. V.16, n. 4, p.01-28. 2024. Disponível em: DOI: 10.55905/cuadv16n4-091.

CELESTINO, Égon José Mateus, PEREIRA, Marcia de lima, CAMARA, Renata Paes de Barros. **Avaliação de Práticas ESG em bancos listados na B3: Verificação do efeito da composição de administração e características das companhias.** Revista Catarinense da Ciência Contábil. ISSN 2237-7662, Florianópolis, SC, v. 22, 1-24, e3380, 2023. Disponível em: DOI:10.16930/2237-7662202333801.

CHEN, S.; WANG, Y.; ALBITAR, K.; HUANG, Z. **Does ownership concentration affect corporate environmental responsibility engagement? The mediating role of corporate leverage.** Borsa Istanbul Review, v. 21, n. 1, p. 13-24, 2021.

CLÉBER DA SILVA, Antônio; DE MELO CARVALHO, Francisval. **Relação entre práticas ESG e desempenho empresarial: uma revisão sistemática da literatura.** GeSec: Revista de Gestão e Secretariado, v. 15, n. 1, 2024.

CODO, Renan. **Adoção de práticas ESG e desempenho econômico: uma análise de correlação para UNIMEDs de grande porte.** RBSS-Revista Brasileira de Saúde Suplementar, v. 2, n. 1, 2023.

COSTA, Lilian; DE OLIVEIRA SAMPAIO, Joelson; FLORES, Eduardo Silva. **Gender Diversity in Board of Directors and the Relationship between Performance and Financial Risk in Family Firms/Diversidade de Gênero nos Conselhos Administrativos e sua Relação com Desempenho e Risco Financeiro nas Empresas Familiares.** RAC-Revista de Administração Contemporânea, v. 23, n. 6, p. 721-738, 2019.

COSTA RIBEIRO PRATES, Juliana; CAMARGOS AVELINO, Bruna; GAMA FULLY BRESSAN, Valéria. **Diversidade de gênero e divulgação ambiental, social e de governança: Evidências do mercado brasileiro.** Revista Gestão Organizacional (RGO), v. 16, n. 1, 2023.

COSTA, Ricardo et al. ESG. **Os pilares para os desafios da sustentabilidade.** RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218, v. 3, n. 9, p. e391920-e391920, 2022.

CRESPI, F.; MIGLIAVACCA, M. **The determinants of ESG rating in the financial industry: The same old story or a different tale?** Sustainability, v. 12, n. 16, p. 6398, 2020.

DANI, Andreia Carpes et al. **Características do conselho de administração e o desempenho empresarial das empresas listadas no novo mercado.** Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade, v. 7, n. 1, p. 29-47, 2017.

DA SILVA LOPES, Ivonete et al. **Cooperativismo e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Agenda para Equidade Racial e de Gênero.** Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 18, n. 3, 2022.

DA SILVA, André Luiz Carvalho; MARGEM, Helena. **Mulheres em cargos de alta administração afetam o valor e desempenho das empresas brasileiras?** Revista Brasileira de Finanças, v. 13, n. 1, p. 102-133, 2015.

DE ASSUNÇÃO, Marlene Luiza; DE ALMEIDA, Francisco Alberto Severo; PORTO, Marcelo Duarte. **Environmental, social and governance (ESG): uma revisão sistemática.** Cuadernos de Educación y Desarrollo, v. 16, n. 2, p. e3248-e3248, 2024.

DE CASTRO SOBROSA Neto R, de Lima CRM, Bazil DG, de Oliveira Veras M, de Andrade Guerra JBSO. **Desenvolvimento sustentável e desempenho financeiro empresarial: um estudo com base no Índice Brasileiro de Sustentabilidade Empresarial (ISE).** Desenvolvimento sustentável. 28:960-977. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/sd.2049>.

DEGENHART, L., GIORDANI, M. da S., PICCININ, Y. G., GRODT, J. A. dos S., & ZONATTO, V. C. da S. **Diversidade de gênero, expertise do conselho de administração e a transparência da divulgação ambiental, social e de governança (ESG): evidências do Brasil.** Enfoque: Reflexão Contábil, 43(2), 40-56. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/enfoque.v43i2.63462>.

DE SOUZA, Taciana Rodrigues; BRIGHENTI, Josiane; HEIN, Nelson. **Investimentos ambientais e desempenho econômico-financeiro das empresas brasileiras listadas no índice de sustentabilidade empresarial-ISE.** Revista Reuna, v. 21, n. 2, p. 97-114, 2016.

FABRÍCIO, Sarah Amaral; FERREIRA, Denize Demarche Minatti; VICENTE, Ernesto Fernando Rodrigues. **Comitês e Conselhos de Empresas Brasileiras: (Ir)representatividade Feminina.** Competência, Porto Alegre, v. 13, n. 2, dez. 2020.

FELIX, Carla Roberta Marques; DA SILVA, Sidney Vergínio. **A presença das mulheres e sua representatividade em cargos de liderança.** Revista Mythos, v. 12, n. 2, p. 16-24, 2019.

FERIGATO, E., & Telesi Pacheco Conceição, J. **Liderança feminina nas organizações.** RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218, 1(2), 152-178. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47820/recima21.v1i2.31>

FERNANDES, Camila de Araújo et al. **Conselho de administração, diversidade de gênero e monitoramento.** 2021.

FERNANDES, C. G.; LUNA, M. S. de F.; MARIA JUNIOR, E.; MARIA, M. M. L. **O impacto do controverso ESG no valor de mercado e nas restrições financeiras das empresas do BRICS.** Revista de Gestão Social e Ambiental, v. 18, n. 4, e04679, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.24857/rgsa.v18n4-042>.

FERNANDES, Jose LB; LINHARES, Heloíza da Câmara. **Análise do Desempenho Financeiro de Investimentos ESG nos Países Emergentes e Desenvolvidos**. Available at SSRN 3091209, 2017.

FERREIRA, Lucas Benedito Gomes Rocha et al. **Efeitos macroeconômicos na relação entre as características do conselho de administração e o desempenho ESG**. Revista Gestão Organizacional, v. 16, n. 2, p. 97-116, 2023.

FERREIRA, Lucas Benedito Gomes Rocha; MALANSKI, Leonardo Köppe. **Liberdade Econômica e Práticas ESG (Environmental, Social, Governance): uma Análise do Setor Financeiro nas Américas**. BBR. Brazilian Business Review, v. 20, p. 601-624, 2023.

GAO, S.; Meng, F.; Gu, Z.; Liu, Z.; Farrukh, M. **Mapeamento e Análise de Cluster em Campo Ambiental, Social e de Governança uma Análise Bibliométrica Utilizando Scopus**. Sustentabilidade, 13, 7304. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su13137304>.

GARCIA, Alexandre Sanches; ORSATO, R.; MENDES-DA-SILVA, W. **O desempenho ESG-Environmental, Social and Governance em diferentes ambientes institucionais**. In: 6th International Workshop| Advances in Cleaner Production—Academic Work. 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GUITARRARA, Paloma. **"Países emergentes"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/paises-emergentes.htm>. Acesso em 04 de agosto de 2024.

HASSANI, Bertrand Kian, e Yacoub Bahini. **A Relação entre Divulgação ESG e Crescimento Econômico: Um Ponto Crítico**. Journal of Risk and Financial Management 15:

538. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/jrfm15110538>.

IBHAGUI, O. W.; OLOKOYO, F.O. **Leverage and firm performance: New evidence on the role of firm size**. North American Journal of Economics and Finance, v. 45, p. 57-82, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GOVERNANÇA CORPORATIVA (IBGC). **Código das boas práticas para reuniões do conselho de administração**. São Paulo, 2010. Disponível em <<http://www.ibgc.org.br/userfiles/9.pdf>>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GOVERNANÇA CORPORATIVA (IBGC). **Código das Melhores Práticas de Governança Corporativa**. v.4, São Paulo, 2009. Disponível em <http://www.ibgc.org.br/userfiles/Codigo_ju-lho_2010_a4.pdf>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GOVERNANÇA CORPORATIVA (IBGC). **Guia de orientação para o gerenciamento de riscos corporativos**. Série Cadernos de Governança Corporativa, v.3, São Paulo, 2007. Disponível em <<http://www.ibgc.org.br/userfiles/3.pdf>>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GOVERNANÇA CORPORATIVA (IBGC). **IBGC incentiva a presença de mulheres na governança corporativa**. 2015. Disponível em <<http://www.ibgc.org.br/index.php/19412/IBGC-incentiva-a-presenca-demulheres-na-Governanca-Corporativa>>.

JUNIOR, Anacleto Kronbrauer. **Determinantes do Desempenho Ambiental, Social e de Governança (ESG) e das controvérsias ESG em empresas sediadas nos Países Emergentes**. 2024. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis e Administração da Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Orientador Dr. Sady Mazzioni.

KAVESKI, Itzhak David Simão, et al. **Mulheres executivas na gestão das empresas do novo mercado**. RC&C - Revista Contabilidade e Controladoria, Curitiba, v. 12, n. 2, p.132-145, mai./ago. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/rcc.v12i2.77281>.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 2003. 5 ed. São Paulo: Atlas. ISBN 85-224-3397-6.

LEE, Siew-Peng; ISA, Mansor. **Environmental, social and governance (ESG) practices and financial performance of Shariah-compliant companies in Malaysia**. Journal of Islamic Accounting and Business Research, v. 14, n. 2, p. 295-314, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/jiabr-06-2020-0183>.

LI, T. T., Wang, K., Sueyoshi, T., & Wang, D. D. **ESG: Research progress and future prospects**. Sustainability, 13(21), 11663. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su132111663>.

LIMA, Wallace; JUCÁ, Michele Nascimento. **O impacto das práticas de sustentabilidade na performance financeira e na criação de valor das empresas**. Revista de Contabilidade e Organizações, São Paulo, Brasil, v. 18, p. e220597, 2024. DOI: 10.11606/issn.1982-6486.rco.2024.220597. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rco/article/view/220597>.. Acesso em: 2 jan. 2025.

MAZZIONI, Sady et al. **Reflexos das práticas ESG e da adesão aos ODS na reputação corporativa e no valor de mercado**. Revista Gestão Organizacional, v. 16, n. 3, p. 59-77, 2023.

MAZZIONI, Sady et al. **Desempenho ESG em economias emergentes**. Macro Gestão e Políticas Públicas, v. 6, n. 1, p. 21-35, 2024.

MONTEIRO, A. A., F., SANTOS, T. R., SANTOS, G. C. **Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) e desempenho econômico-financeiro nas empresas da B3**. RAGC, v.8, n.38, p.65-78/2020.

MSCI INC. **Annual report 2023**. Disponível em: <https://www.msci.com/document-s/1296102/44909734/2023+Annual+Report.pdf/b970baa7-13f8-16cf-da12-ca4402e-0263c?t=1710966776956>.

PENNA, Giovana Perin Campbell et al. **Adesão aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) pelas empresas brasileiras**. Latin American Journal of Business Management, v. 13, n. 2, 2022.

PICCININ, Yvelise Giacomello; DEGENHART, Larissa; DOS SANTOS GRODT, Jonas Adriel. **Effects of Environmental, Social Disclosure, Women on the Board of Directors and ESG Controversies of Financial Risk**. Revista BASE-v, v. 21, n. 1, 2024.

PLANALTO. **BRICS, A história**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/agenda-internacional/missoes-internacionais/reuniao-do-brics-2023/historia-do-brics>. Acesso em 04 de agosto de 2024.

PRUDÊNCIO, P.; FORTE, H.; CRISÓSTOMO, V.; VASCONCELOS, A. **Efeito da diversidade do conselho de administração e da diretoria executiva na responsabilidade social corporativa**. Brazilian Business Review, v. 18, n. 2, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15728/bbr.2021.18.2.1>. Acesso em: 9 set. 2025.

SCHMITT, Daniela Carine et al. **Participação das mulheres no conselho de administração e a legibilidade dos relacionamentos de administração**. Contabilometria, v. 8, n. 1, 2021.

SCHMILIVER, Anie Levinbuk et al. **A presença de mulheres cria valor às empresas?** Revista Pretexto, p. 83-97, 2019.

SILVA, A. L. C.; MARGEM, H. **Mulheres em cargos de alta administração afetam o valor e desempenho das empresas brasileiras?** Brazilian Review of Finance, v. 13, n. 1, p. 103-133, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.12660/rbfin.v13n1.2015.35116>.

SILVA JÚNIOR, Claudio Pilar da; MARTINS, Orleans Silva. **Mulheres no conselho afetam o desempenho financeiro? uma análise da representação feminina nas empresas listadas na BM&FBOVESPA**. Sociedade, Contabilidade e Gestão, v. 12, n. 1, 2017.

SILVA, M. R. R. **Mulheres no comando: Uma revisão na literatura sobre liderança feminina no campo do trabalho no Brasil**. Revista Estudos e Pesquisas em Administração, [S. l.], v. 4, n. 3, 2020. Disponível em: DOI: 10.30781/repad.v4i3.10902.

SILVA, Célia Regina Ramos da; CARVALHO, Paula Manguiera de; SILVA, Elisangela Leandro da. **Liderança feminina: a imagem da mulher atual no mercado corporativo das organizações brasileiras.** Educação, Gestão e Sociedade, v. 7, n. 25, p. 1-12, 2017.

SILVA, Vanessa Menêses; DE LUCENA, Wenner Glaucio Lopes. **Contabilidade ambiental: análise da participação no índice de sustentabilidade empresarial (ISE) e a rentabilidade das empresas listadas na [B] 3.** Revista Gestão & Tecnologia, v. 19, n. 2, p. 109-125, 2019.

WASIUZZAMAN, S.; WAN MOHAMMAD, W. M. **Board gender diversity and transparency of environmental, social and governance disclosure: evidence from Malaysia.** Managerial and Decision Economics, v. 41, n. 1, p. 145-156, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/mde.3099>.

WAN MOHAMMAD, W. M., & Wasiuzzaman, S. (2021). **Environmental, Social and Governance (ESG) Disclosure, Competitive Advantage and Performance of firms in Malaysia.** Cleaner Environmental Systems, 2, 100-115. <https://doi.org/10.1016/j.cesys.2021.100015>

YADAV P., PRASHAR A. **Board gender diversity: implications for environment, social, and governance (ESG) performance of Indian firms.** International Journal of Productivity and Performance Management, 72 (9), pp. 2654-2673. 2023. Disponível em: DOI 10.1108/ijppm-12-2021-0689.

ZHAO, Changhong et al. **ESG and corporate financial performance: Empirical evidence from China's listed power generation companies.** Sustainability, v. 10, n. 8, p. 2607, 2018.